

Cientistas elogiam políticas para Amazônia

Artigo publicado na 'Science' faz um balanço positivo do que tem sido feito na região

HERTON ESCOBAR

A luta pela preservação da Amazônia ganha novamente espaço em uma revista científica de renome internacional, a *Science*. Só que desta vez é para elogiar e não criticar. Cientistas brasileiros e americanos apresentam um balanço positivo dos esforços governamentais para conter a sua devastação, apesar do aumento das taxas de desmatamento dos últimos anos. "Não estamos abrindo as portas do paraíso. Apenas preferimos ver o copo como meio cheio, em vez de meio vazio", diz a bióloga Ana Cristina Barros, diretora do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) e uma das autoras do artigo, publicado no Fórum

ESTRADAS SÃO GRANDE AMEAÇA

de Políticas da revista.

O texto é assinado também por pesquisadores do Woods Hole Research Center, em Massachusetts, que trabalham em parceria com o Ipam, no Pará. Ambos são institutos de pesquisa sem fins lucrativos. Os cientistas destacam os programas de combate a queimadas e de licenciamento das propriedades rurais por meio de imagens de satélites, além da reintegração de terras griladas como ações que prometem resultados positivos para a Amazônia.

"A grande mudança no modelo de desmatamento é que a fronteira está entrando em uma zona mais úmida, muito mais favorável à exploração florestal do que à agricultura", diz o americano Dan Nepstad, cientista do Woods Hole e um dos fundadores do Ipam, que pesquisa a Amazônia há quase 20 anos. "Nesse sentido, os esforços do governo brasileiro deverão refletir em menores taxas de desflorestamento



tação de estradas e a canalização de rios) como inevitáveis." Mesmo com o programa Avança Brasil, diz Nepstad, seria possível manter de 70% a 80% da floresta em pé, desde que as regulamentações ambientais sejam aplicadas. Até hoje, 15% da Amazônia já foi desmatada, legal ou ilegalmente.

Estradas – A abertura e pavimentação de estradas – um dos pontos centrais do Avança Brasil – é vista como uma das principais ameaças à preservação da floresta mas também como um importante agente de desenvolvimento. Segundo Ana Cristina, 75% do desmatamento na Amazônia está associado a estradas. "A pavimentação provoca um frenesi de extração madeireira e de desmatamento que historicamente supera a capacidade do governo de controlar essas atividades", diz um relatório do Ipam sobre a rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), aberta em 1974.

A mesma estrada, com mais de mil quilômetros de terra, é citada no artigo como exemplo de um cenário que pode mudar para melhor. "Apenas 5% da floresta em um raio de 50 quilômetros da estrada foi desmatada, comparado a 26% a 58% das florestas ao longo de estradas pavimentadas 20 a 30 anos atrás", escrevem os pesquisadores. "Achamos que é possível fazer um desmatamento controlado", diz Ana Cristina.

nos próximos anos."

Segundo os pesquisadores, novas regulamentações sobre o uso da terra na Amazônia permitem conciliar conservação ambiental e desenvolvimento de maneira pioneira. "O desenvolvimento econômico é vital, já que 17 milhões de pessoas da região vivem com menos de US\$ 100 mensais", escrevem os cientistas. "Interpretamos muitos dos investimentos em infraestrutura (incluindo a pavimen-

De acordo com o artigo, a pavimentação da Cuiabá-Santarém significaria uma economia de US\$ 70 milhões no transporte de grãos, que hoje saem pelo Porto de Santos e poderiam escoar por Santarém, no Rio Amazonas. O setor madeireiro também seria beneficiado. Esses benefícios poderiam ser revertidos em impostos e pedágios para financiar os esforços de preservação.